



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16665 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

O ENCANTAMENTO E A BONITEZA DA EDUCAÇÃO POPULAR: NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE EDUCADORAS POPULARES DO DISTRITO FEDERAL

Larissa Silva do Nascimento Drago - UnB - Universidade de Brasília

Maria Clarisse Vieira - UnB - Universidade de Brasília

O ENCANTAMENTO E A BONITEZA DA EDUCAÇÃO POPULAR: NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE EDUCADORAS POPULARES DO DISTRITO FEDERAL

Resumo:

Este artigo insere-se em pesquisa mais ampla, cujo objetivo é compreender a trajetória de educadoras populares freirianas que atuam na alfabetização de jovens, adultos e idosos no Distrito Federal. Busca, portanto, situar, historicamente, no tempo e no espaço, a educação popular e sua interface com a EJA, no Brasil e no Distrito Federal; identificando os principais conceitos de Freire presentes na prática destas educadoras. A pesquisa adota como metodologia uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas narrativas que têm nas experiências de educadoras populares, elementos centrais para compreender fenômenos da realidade que os documentos escritos não conseguem registrar. A pesquisa, em andamento, indica contribuições das experiências destas educadoras ao repensar da história da educação de jovens e adultos popular no Distrito Federal

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Educação popular, Educadoras Popular, Paulo Freire

Introdução

Atualmente, o IBGE revela que 9,6 milhões de brasileiros ainda não são alfabetizados. No Distrito Federal, apesar de ser a unidade da federação com o menor número de analfabetos, ainda há 63,3 mil pessoas que não sabem ler e escrever, representando 2,8% da população local, bem abaixo da média nacional.

O público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é composto por jovens e adultos que não frequentaram a escola ou tiveram uma passagem breve por ela. Essas pessoas buscam a escolarização tardia devido à importância da leitura e escrita em uma sociedade grafocêntrica e para melhorar suas condições de vida.

Diante do cenário de exclusão e invisibilidade dos sujeitos da classe popular que não tiveram o direito à educação respeitado, o Estado brasileiro, historicamente, a cada governo apresenta propostas e ações para o enfrentamento e a superação deste problema educacional. Outra forma de ação surge dos movimentos sociais que vislumbram na educação popular meios para transformar a vida das pessoas ainda não alfabetizadas.

A educação popular vai ao encontro dos anseios e necessidades dos educandos, pois dialoga com a realidade, valores e saberes desses sujeitos. Assim, sua proposta pedagógica traz sentido e significado para o educando, pois têm como objetivo a transformação, a emancipação e autonomia do sujeito.

A educação popular acolhe os saberes do educando, engendra a reflexão de problemas do cotidiano, promovendo esforços para o desenvolvimento de uma consciência crítica que transforma o indivíduo e reverbera na sociedade, na comunidade. Busca um agir pedagógico emancipador, libertador diferentemente da educação tradicional, apegada à rigidez dos conteúdos. Este trabalho tem como objetivo compreender os desafios da educação popular, no Distrito Federal, com base na trajetória de educadoras populares freireanas que atuam na alfabetização de jovens, adultos e idosos, a partir dos anos de 1980, com a redemocratização do país.

Partimos do pressuposto de que a educação popular tem um viés político, pois tem como principais sujeitos, pessoas oriundas da classe trabalhadora. São em sua maioria, os invisíveis da sociedade que vivem, diariamente, os desafios e problemas reais da sociedade contemporânea. Por meio de sua prática, a educação popular acolhe educandos jovens, adultos e idosos que não tiveram condições de estudar na infância ou adolescência, principalmente porque precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família.

O fazer pedagógico, na educação popular, é realizado pelo educador popular. Em sua maioria, o educador popular é oriundo do movimento popular, e vive a realidade da classe trabalhadora e da luta pela sobrevivência. Desde a gênese da construção de Brasília, a educação popular esteve presente, considerando que trabalhadores oriundos de diversas regiões aqui vieram para construir a capital do País. A criação de Brasília simbolizava modernidade, pois buscava inovação não apenas na arquitetura, mas também no sistema educacional, por meio de uma educação abrangente desde o ensino básico até o superior, voltada às novas demandas científicas e tecnológicas (PEREIRA; ROCHA, 2005). Neste sentido, o sistema educacional da nova capital foi planejado para projetar-se como modelo nacional e laboratório pedagógico (DISTRITO FEDERAL, 1982).

Em termos históricos, em meados de 1963 até abril de 1964, Paulo Freire coordenou

projeto piloto do Plano Nacional de Alfabetização, que possibilitou a criação de cerca de trezentos Círculos de Cultura no Distrito Federal, tendo em vista alfabetizar 40 mil pessoas até o primeiro semestre de 1964 (COSTA; OLIVEIRA; MACHADO, 2019). Com o golpe de 1964, tais experiências foram interrompidas e este educador teve que se exilar do país, vivenciando novas experiências na América, Europa e África.

Com as mudanças advindas do golpe civil-militar, a proposta de ensino direcionada ao público da Educação de Jovens e Adultos no Distrito federal foi alterada, mudando seus propósitos. Apesar de nos anos 1960, ainda persistir taxa de analfabetismo de 39,7%, esta modalidade educativa permaneceu estagnada, circunscrita aos moldes tecnicistas vigentes. A partir de 1971, com a Lei 5.692/1971, a Fundação Educacional do Distrito Federal estruturou a educação de adultos, conforme detalhado no Parecer nº 31/72 – CEDF, sendo também criadas turmas de alfabetização no Distrito federal, por meio do Movimento Brasileiro de Alfabetização. Com o processo de reabertura política, emergem no cenário do DF, inúmeras experiências ligadas a movimentos sociais, que retomam o ideário educativo das experiências vividas nos anos 1960.

Neste ínterim, a educação popular engendrou uma prática educacional diferenciada, que tem uma história muito importante no cenário educacional brasileiro que necessita ser contada. Iniciada com a construção da cidade, tais experiências seguem acolhendo e transformando a vida de jovens, adultos e idosos que buscam iniciar sua alfabetização. Para isto acontecer, os/as educadores/as populares são parte necessária deste processo.

Metodologia

Este trabalho adota uma pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas narrativas que têm nas experiências de educadoras populares, elementos centrais para compreender fenômenos da realidade que os documentos escritos não conseguem registrar. Por meio da escuta e da oralidade, estas educadoras serão incentivadas a relatarem suas experiências na educação popular, e estas narrativas serão entrelaçadas com suas histórias de vida. Estas histórias fazem parte da realidade histórica e cultural, conferindo sentidos e significados para o grupo ao qual estas educadoras pertenceram, no tempo e no espaço.

Bauer e Gaskell (2002) afirmam que narrar história implica estados intencionais de confrontar a vida cotidiana, e que o léxico do grupo vinculado dá autenticidade à forma da narrativa trazendo uma perspectiva particular aos acontecimentos no espaço e no tempo. “ (...) A narração reconstrói ações e contexto da maneira mais adequada: ela mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do ator (...)”. (2002:92).

No campo da educação, Sahagoff (2015) citando Bolívar, afirma que a pesquisa narrativa em educação possibilita compreender o modo como os professores dão sentido ao seu trabalho, como desenvolvem suas práticas e o contexto que estão inseridos. O uso da

narrativa contribui para uma tomada reflexiva dos sujeitos que estão inseridos no contexto e na cultura escolar, portanto, ao expressar a subjetividade em forma de narrativa, ou seja, ao compartilhar suas histórias podem afetar pessoas e os locais de atuação de forma a criar novas experiências

No tocante à educação popular, Freire (2017) aponta algumas categorias importantes que contribuem para a formação de educadores populares dentro de uma concepção de transformação social que são o diálogo, a educação para mudança e a conscientização. Assim, este estudo busca por meio das narrativas de educadoras populares, compreender as categorias presentes no pensamento de Paulo Freire significativas para sua ação pedagógica, ao mesmo tempo que reconstrói o movimento de luta em torno da EJA e da educação popular, no território do DF, após o processo de redemocratização do país.

Referências teóricas

A educação popular busca um modelo diferenciado na concepção e no fazer pedagógico. Carlos Rodrigues Brandão traz o entendimento que a educação popular é uma educação com o povo, uma educação autônoma, produtora de autonomia de classe, dialogal, comprometida, participante, crítica, conscientizadora, livre e libertadora. É uma educação que está inserida na realidade das pessoas, que problematiza as demandas do grupo e que promove a emancipação dos sujeitos.

Segundo Brandão (s/data), a partir dos anos de 1960 a educação popular ganhou o seguinte corpo:

1. propõe uma teoria renovadora de relações homem-sociedade-cultura-educação e pretende fundar uma educação libertadora;
2. realiza-se no domínio específico da educação com adultos das classes populares, com trabalho específico de libertação popular, com a conscientização de sujeitos, grupos e movimentos das classes populares;
3. não se limita a alfabetização e a pós alfabetização;
4. movimento emergente de educadores e se redefine como um trabalho político de mediação a serviço de projetos, sujeitos e movimentos populares de classe.

Para este autor, as ações da educação popular valorizam os saberes e a cultura das pessoas, promove a emancipação e a autonomia dos educandos, que de posse de novos conhecimentos é capaz de agir na comunidade em que vive e nos espaços que circula, bem como é incentivado a ter novos conhecimentos, na concepção de uma educação ao longo da vida. Nesta concepção, o educador tem a função da mediação do conhecimento, permitindo que o educando seja ativo no seu aprendizado.

Não é demasiado repetir que a educação popular vai encontrar em Paulo Freire, o seu grande expoente. Sua experiência iniciou-se com seu trabalho no SESI (1953), como coordenador, e contou com sua atuação na pastoral da Igreja Católica. Tais experiências vão dar-lhe conhecimentos da realidade de vida, tanto urbana quanto rural do adulto trabalhador e de como alfabetizar adultos.

Freire (2014) se refere à educação popular da seguinte forma.

Entendo a educação popular como esforço de mobilização, organização e capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do Poder burguês que é que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em uma primeira definição eu aprendo desse jeito. A estreita relação entre escola e vida política. (FREIRE, 2014, P.45)

A Educação popular pressupõe uma organização popular, do saber fazer, que é um modo de produzir conhecimento, e de agir político. Freire acredita na educação de adultos numa perspectiva de educação popular por ser esta uma educação humanista que valoriza o conhecimento e os saberes adquiridos do sujeito e suas experiências afetivas. Acredita também que a educação popular têm a intencionalidade de emancipação, transformação social, de democracia participativa. Este autor se interessava em saber como as camadas populares aprendem, o que fazem com sua aprendizagem, e como podem adquirir consciência crítica em sua aprendizagem.

Freire vê no ser humano sua vocação para ser mais e se tornar mais humano. Neste sentido, o diálogo é uma prática educativa que acolhe e respeita o saber do educando, que estabelece vínculo e que tem como consequência a permanência deste em seu processo de alfabetização. No acolhimento, na troca de saberes, o educando compreende que é sujeito ativo de seu aprendizado, e percebe uma educação transformadora que dialoga com a sua realidade e necessidades.

A educação é uma prática pedagógica transformadora, encontrando na práxis o caminho para uma ação/reflexão/ação transformadora. A intenção desta ação está além de alfabetizar; é tornar a pessoa crítica de seu processo de aprendizado e fornecer instrumentos para uma ação política de transformação do local em que vive.

A educação popular dialoga com a realidade dos educandos e os faz refletir que são sujeitos trabalhadores que tiveram o direito à educação negado. Muitos chegam às escolas após um dia duro de trabalho, às vezes silenciados e envergonhados de sua condição de não alfabetizados.

A educação popular tem uma história na capital federal. Brasília foi uma capital construída pelos sonhos de alguns políticos e pelas mãos de trabalhadores de todo Brasil, que vieram para o planalto central com a perspectiva de transformar suas vidas. Assim, diferentes canteiros de obra contaram com a participação de educadoras que buscavam alfabetizar os

trabalhadores “candangos”. Estes pequenos núcleos de alfabetização tinham como objetivo não apenas ensinar a ler e escrever, mas também desenvolver uma consciência crítica entre os novos trabalhadores. Movimentos populares e de educação popular emergiram em cidades como Sobradinho, Gama, Paranoá e Ceilândia. Nesses lugares, foram formadas educadoras oriundas das comunidades, que tinham intenção e propósito de contribuir para a transformação dos indivíduos e a emancipação dos trabalhadores. É intencionalidade deste estudo escutar a voz e experiência destas educadoras, para por meio de suas narrativas compreender como foi se constituindo a história da educação popular na capital do país.

Conclusão

A educação popular permite a realização de uma prática pedagógica baseada na práxis educativa. Na reflexão/ação das educadoras, ela vai se formando e permitindo a emergência de um agir pedagógico baseado no diálogo, no afeto e respeito ao educando, que busca na alfabetização de adultos um meio de melhorar seu aprendizado, entender sua história de vida, respeitando o cotidiano de luta do educando.

Referências bibliográficas:

- BAUER, Martin W. e GASKELL, George, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Carlos R., *O que é educação popular*, ed. Brasiliense, 1986.
- BRANDÃO, Carlos R., Os caminhos cruzados - formas de pensar e realizar a educação popular na América Latina, mimeo. (s/data)
- DISTRITO FEDERAL. Fundação Educacional do Distrito Federal. Departamento Geral de Pedagogia. *Legislação e normas para o Ensino Supletivo no Distrito Federal 1970-1981*. Brasília, 1982.
- COSTA, Cláudia; OLIVEIRA, Leila Maria., MACHADO, Maria Margarida, *Alfabetização de Jovens e Adultos no Distrito Federal - Disputas de concepções nas décadas de 1950 a 1990*, Revista Brasileira de Alfabetização, Belo Horizonte, v. 1, n.11, p 79-99, jul/dez, 2019.
- FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*, 63 edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*, São Paulo: cortez, 2016. PEREIRA, E. W; ROCHA, L. M. da F. Anísio Teixeira e o Plano de Educação de Brasília. In: **Anais da 28ª Reunião da ANPED**. Caxambu, 2005.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana in: XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós Graduação SEPesq –19 a 23 de outubro de 2015